

É meu desejo que haja reconhecimento da surdez e um grande respeito por nossa 1ª língua que é a de sinais.

Alex Curione de Barros

Assistente Educacional em LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

1. O Grêmio Estudantil do INES – GINES – realizou, em setembro, seu 1º Seminário e você, como um dos fundadores, deve ter ficado orgulhoso dessa maturidade alcançada. Conte-nos como foi fundar um grêmio no INES.

No passado os surdos não tinham um grêmio. Só as escolas de ouvintes possuíam grêmios. Então, eu tive a idéia de criar um no Instituto. A luta foi grande e junto com o Márcio Rosa – ex-aluno do INES – representante de alunos (o Márcio era um líder, tinha muita influência com os surdos e tinha conscientização pela mesma luta que eu), começamos a nos movimentar pela questão. Nós não nos encontrávamos porque eu estudava de tarde e ele de manhã, mas o desejo era o mesmo. Eu e Alex Sandro nos reunimos com o Márcio e o Claudinei – que era o 2º representante de alunos – e a di-

retora do INES, na época, profª Leni de Sá Duarte Barboza, para discutirmos sobre alguns assuntos como a necessidade de mais professores, pois achávamos que o ensino estava fraco. Enfim, colocamos todos os nossos desejos.

2. E o que aconteceu após essa reunião?

Depois disso, nos unimos para criar o Grêmio, que partiu da necessidade de nos juntarmos para lutar por nossas causas. A Diretora do Departamento Pedagógico, profª Marilene Nogueira, nos apoiou e me colocou em contato com seu filho, Claudio Nogueira, que fazia parte da diretoria da União Brasileira Estudantil de Secundaristas – Ubes – e da Associação Municipal Estudantil de Secundaristas – Ames. Nesse tempo, Paulo André me disse que na escola da Gávea já existia um Grêmio e, então, entrei em contato com eles.

No começo contamos com o apoio da Associação de Docentes do INES – Adines – para nos estruturar. Essa associação colocou-nos em contato com o Sr. João



ENTREVISTA

Carlos, que nos explicou sobre os estatutos e tudo o que era necessário para fundarmos um grêmio.

3. Quando então o Grêmio "nasceu"?

Foi em 30 de março de 1993, com o apoio da então diretora geral, prof^a Leni e do Sr. Odilon de Oliveira Barros, que por coincidência é irmão do meu avô, que nos orientou em relação às questões administrativas.

A Ames que já conhecia nosso trabalho, me convidou para fazer parte da diretoria. Então, eu fui o pioneiro, o 1º surdo a fazer parte da diretoria da AMES e o 1º membro surdo da UBES. Foi uma surpresa esses convites para mim.

O Grêmio foi meu 1º filho e, agora, meu neto.

Isso me emociona muito e me deixa feliz.

4. Quais alunos junto a você fundaram o GINES?

Eu, Denilson Marriel, Manoel, Luis Carlos e Paulo André.

O logotipo do GINES foi idéia do Denilson, ele quem criou. Nós ficávamos discutindo em reuniões como seria o símbolo e o Denilson veio com a idéia. Inicialmente, esse símbolo seria provisório, mas gostamos tanto que decidimos por ele mesmo.



Símbol criado pelo Denilson Marriel

5. Fale-nos sobre o trabalho de monitoria que desenvolve junto aos alunos e professores do INES.

Para mim é um trabalho importante, que faço direto com os alunos surdos. Eu me reúno periodicamente com os OPs (Orientadores Pedagógicos) para discutir sobre os temas que serão trabalhados com os alunos. O conteúdo do trabalho vai depender do que será realizado na sala de aula. Por exemplo: após os passeios realizados por eles, eu, em LIBRAS, dou minha aula enfatizando o que foi visto. O professor ouvinte escreve no quadro o conteúdo a ser trabalhado com os alunos e eu entro e trabalho, em cima do português escrito, com eles.

Dou toda a compreensão do português em sua modalidade escrita, em LIBRAS, e os alunos vão expressando seus sentimentos, opiniões, em cima do que foi escrito.

6. Esse trabalho é muito importante...

É importante para mostrar aos alunos o valor comportamental que tenho frente a eles. Eu sou o modelo, como pessoa surda que tive a capacidade de aprender o português como 2ª língua, para que eles criem suas identidades. Isso porque, antigamente, os surdos não acreditavam nos profissionais surdos, pois só tinham o modelo do professor ouvinte, e agora isso está mudando.

7. Como é que chegou para participar desse trabalho?

É uma história de muitos anos. Sempre tive a intenção de realizar algum trabalho aqui no INES.

Em 1994, eu participava, como aluno, de um grupo de estudos com as prof^{as} Wilma Favorito, Silvia Pedreira e a Regina Augusta, de Biologia. Esse trabalho que iniciamos em aula, deu origem mais tarde, após um amadurecimento dos temas abordados, a um projeto de consultoria. Quando virou um projeto oficial, eu, que havia participado da elaboração do mesmo, já havia me formado. Inicialmente, houve a contratação de três surdos para monitoria e, depois, em 1997 houve uma nova contratação para preencher duas vagas. Após a seleção, fui contratado. Trabalho nesta instituição há quatro anos e meio. Estou realizando um sonho, pois esperei muito por essa oportunidade de trabalhar aqui.

8. Você está cursando o 1º ano de Pedagogia na Universidade. Como é ser um cidadão surdo inserido numa sala cuja maioria dos alunos é ouvinte?

Entrei para fazer Letras, por causa da questão lingüística dos surdos, mas a faculdade tinha várias matérias como literatura brasileira e portuguesa que não me interessavam muito e eu queria uma faculdade específica na área da lingüística, então, resolvi mudar para pedagogia pois teria a oportunidade de fazer relações

com o trabalho que realizo com os alunos no INES.

Eu não me sinto feliz de verdade em estar na Universidade.

9. Por quê?

Os professores não me compreendem por eu ser surdo e eu não tenho contato com eles, por causa da comunicação. Falta interação e reconhecimento do cidadão surdo universitário.

10. Você não tem intérprete na Universidade?

Possuo uma intérprete voluntária que é a Emeli Marques, mas somente às vezes entra em sala de aula, uma vez por semana, e em uma disciplina; agradeço muito a ela e também à Prof^o Monique Franco, que é professora de História no INES e também na Unesa, onde estudo.

11. Alex, você acha que poderá estar contribuindo para que pro-

fessores, colegas e diretores das universidades tenham outro olhar para pessoa surda?

Já tentei muitas vezes com os professores, mas eles não entendem nada. É difícil ter esse contato com o diretor. Com os colegas, só tenho uma colega que me ajuda. Ela se esforça muito, tem paciência, mas se prejudica com isso e não é justo. Escrever em português torna-se mais difícil porque não é minha 1ª língua. Eu me sinto como se quisessem me impor a cultura ouvinte. Acho que os diretores e coordenadores das universidades deveriam orientar esses professores, que possuem um cidadão surdo em sala de aula. Só a Monique, professora do INES, faz esse trabalho lá. Realmente agradeço a ela essa orientação.

12. O que você tem feito de verdade para modificar essa realidade na Universidade?

Tenho tentado mostrar que o currículo para surdos deve ser diferente, e lutado pelo intérprete na sala de aula.

É triste ver a surpresa do professor ao chegar na sala de aula e saber que existe um aluno surdo.

13. Você gostaria de deixar alguma mensagem?

Gostaria muito que criassem universidades próprias para os surdos. Que quando houvesse vestibular para o surdo que se preocupassem com o idioma. Nós, surdos, já possuímos uma 2ª língua que é o Português. O inglês, nesse caso, para nós, seria uma 3ª língua. Tem que se reformular os programas e adequar para os surdos.

É meu desejo que haja reconhecimento da surdez e um grande respeito por nossa 1ª língua que é a de sinais.

Esse é meu desejo sincero.